



SC - Sessão Coordenada de temática Livre  
Coordenação:  
Prof. Dr. Matheus Maria Beltrame (UFCG)  
Prof. Dr. Leandro N. de Souza (Universidade Católica de Pernambuco)

**“EU QUERIA CONHECER UMA BRUXA”: UM OLHAR SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO DO REGIMENTO AÉREO FEMININO RUSSO 588. (1942-1945)**

Ysla Maria Farias

Universidade Federal de Campina Grande

ysla.maria@estudante.ufcg.edu.br

**RESUMO:** O presente artigo problematiza as vivências das mulheres russas do regimento 588 durante a Segunda Guerra Mundial compreendendo os sistemas de pensamento e construções históricas que dão suporte a relações de gênero presentes em sua narrativa. Teoricamente, pouca sobre as reflexões da História das relações de gênero, História Cultural e Memória cujas referências usadas foram; Joan Scott (1995), Rachel Soihet (1997), Marlene de Faveri (2002), Roger Chartier (1990), Maurice Halbwachs (1968), Michael Pollak (1989). Além disso, como fonte bibliográfica será o livro *as bruxas da noite a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial* (2019), da jornalista e escritora, Ritanna Armeni se fará presente no trajeto e o documentário *Night Witches* (2013), produzido por Gunilla Bresky.

**Palavras-Chave:** Segunda Guerra Mundial; Gênero; Mulheres; Ritanna Armeni.

### **Introdução**

O intuito de estudar o regimento 588 tem suas raízes tanto no diálogo de trazê-las como sujeitos munidos de historicidade e memória, quanto como protagonistas de um debate historiográfico que se encontra ainda pouco discutido e problematizado. Tanto se fala na marca que as mulheres deixam e deixaram na História, mas há alguns recortes que se encontram poucos discutidos e evidenciados, desse modo, é aqui que se encontra a justificativa de evidenciar o regimento 588, as memórias e subjetividades das mulheres deste regimento se tornam ausentes a partir dos poucos trabalhos acadêmicos.



Ademais, a partir do estudo e contato com as discussões da História das relações de gênero, História Cultural e Memória, permite-se um olhar mais instigante sobre a narrativa desse regimento, esse objeto de estudo faz parte de uma pesquisa ainda em andamento, a qual se debruça sobre a análise e compreensão das relações de gênero enfrentadas por essas mulheres, normas de gênero construídas historicamente, sobretudo, categoria moderna usada como mecanismo de poder e controle sobre indivíduos, corpos e identidades.

Nesse sentido, aqui será proposto uma explanação em termos mais teóricos e de impressões preliminares sobre as fontes. Dentre os objetivos estão problematizar a escrita de uma História única sobre a guerra, escrita do ponto de vista masculino; Analisar o contexto histórico em que o regimento 588 estava inserido e a representação da mulher no período de guerra; Compreender a representação do regimento feminino 588 para suas integrantes, a partir da literatura e do documentário.

Nesse sentido, é proposto compreender historicamente as representações sobre as mulheres e a guerra e as relações de gênero presentes na narrativa do regimento 588, a partir da historiografia e as fontes: o livro *As bruxas da noite a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial* (2019) e o documentário *Night Witches* (Bruxas da Noite).

Sendo assim, é preciso, portanto, utilizar a fonte fílmica de forma que irá proporcionar maior diálogo com métodos, e abordagens. A fonte proporciona uma abordagem que se desloca além do método e de sua reprodução, ela pode ter diferentes faces de acordo com seus componentes. As fontes e abordagens utilizadas precisam estar em constante diálogo e reflexão. O movimento de construção da presente pesquisa se ancora na reflexão e deslocamento dos objetos, que serão utilizados de forma dinâmica percebendo os aspectos e suas individualidades, restrições e possibilidades de utilização.

Assim como o cinema, a literatura tem seu papel social e sua individualidade do ponto de vista metodológico. Tânia Regina e Carla Bassanezi em *O historiador e suas fontes* (2009), atesta para os aspectos que o historiador deve estar atento para a utilização da fonte literária: “será preciso, contudo, estar atento aos ambientes socioculturais do período analisado para se evitar o tratamento anacrônico da fonte” (2009, p.82).



## **O masculino e a escrita de uma História única sobre a guerra**

A Segunda Guerra Mundial (1939-1945), é um acontecimento que faz parte de um processo transformador do século XX. Nesse âmbito, o conflito militar sangrento contou com dois protagonistas: os Aliados (Grã-bretanha, França, URSS, EUA) e o Eixo (Alemanha, Itália, Japão). Dentre suas causas estão, obviamente, a primeira guerra mundial que deixou muitas questões na Europa, como o revanchismo alemão, desenvolvido através do tratado de Versalhes (1919) assinado após a primeira guerra, colocando a Alemanha como a principal culpada desse conflito. Segundo, os EUA tiveram a Segunda Guerra como alternativa para sair da crise de 1929. Terceiro, houve a ascensão de regimes totalitários, o Nazismo e o Fascismo e por fim, a Revolução Russa (1917) e aí o socialismo era considerado um inimigo do Nazismo. Eric Hobsbawm aponta: “Era, de ambos os lados, uma guerra de religião, ou, em termos modernos, de ideologias. Foi também, e demonstravelmente, uma luta de vida ou morte para a maioria dos países envolvidos” (1995.p.40).

Dito isso, é importante destacar que existiu muitos conflitos em torno destas datas que marcam o início e o fim desse grande conflito, com a tensão em volta da Alemanha, Inglaterra e França em 1939 fizeram um acordo com a Alemanha chamado de acordo de Munique, esse acordo tinha como principal a condição de que a Alemanha apenas anexasse os sudetos da Tchecoslováquia. A Alemanha queria anexar essa área com a ideia de que os sudetos faziam parte do que Hitler chamava de “raça ariana”, etnia que os nazistas acreditavam ser uma etnia superior.

Ao longo dos desdobramentos, em 1939 temos o pacto Nazi-Soviético (Molotov-Ribbentrop), que seria um tratado de não agressão e a divisão do leste Europeu entre Alemanha e URSS, com o objetivo de evitar um conflito inicial, esse seria um tratado de paz momentânea entre os dois inimigos e também uma estratégia de guerra. Em 1941, a Alemanha invade a URSS, e desrespeita o pacto Nazi-Soviético. Em meados de 1945, os aliados conseguiram enfraquecer as forças do Eixo. A Alemanha se enfraquece mais ainda com a batalha de Stalingrado (1942-1943), a URSS resiste em seu território aos avanços dos alemães e depois parte para o contra-ataque, após a derrota da Alemanha nessa batalha a frente oriental começa a ter grandes avanços da URSS. Eric Hobsbawm em *Era dos extremos: o breve século XX* (1995) comenta sobre essa invasão:



A guerra foi revivida pela invasão da URSS por Hitler em 22 de junho de 1941, a data decisiva da Segunda Guerra Mundial; uma invasão tão insensata — pois comprometia a Alemanha numa guerra em duas frentes — que Stalin simplesmente não acreditava que Hitler pudesse contemplá-la. Mas para Hitler a conquista de um vasto império territorial oriental, rico em recursos e trabalho escravo, era o próximo passo lógico, e, como todos os outros especialistas militares, com exceção dos japoneses, ele subestimou espetacularmente a capacidade soviética de resistir (Hobsbawm, 1995, p.38).

É nesse amplo emaranhado histórico que as “Bruxas da Noite” se destacam, elas aviadoras soviéticas que serviram na Segunda Guerra Mundial, fazendo parte do 588 regimento de Bombardeiros Noturnos Da Força Aérea Soviética. Assim, inteiramente composto por mulheres, ganharam esse apelido pelos alemães justamente por suas habilidades de voo e bombardeios noturnos, e incríveis missões bem sucedidas. Esse enfático regimento foi criado em outubro de 1941, durante a invasão alemã da União Soviética, como figura central em sua trajetória tem a comandante Marina Raskova, que como pioneira na aviação soviética, impulsionou a criação de unidades privilegiadamente femininas contribuindo para o esforço de guerra, mulheres que de forma voluntária se colocaram a serviço do Estado Soviético, passando por períodos de formação e recrutamento.

Dessa forma, as bruxas da Noite pilotaram principalmente os bombardeiros leves como o Polikarpov Po-2, aeronave simples que se fez muito eficaz e habilidosa para missões noturnas de baixa altitude, sendo de difícil captação por radares inimigos e facilitando uma abordagem e ataque inesperado. Tal regimento participou ativamente em missões de reconhecimento e ataque, principalmente nas batalhas da Frente Oriental, enfrentando temperaturas super baixas, equipamentos quase que insuficientes e uma ameaça constante da defesa antiaérea alemã.

Assim, a unidade ganhou reconhecimento por tais habilidades em combate, cerca de 30 mulheres do regimento 588 foram condecoradas com títulos de Herói da União Soviética a mais alta distinção militar na USS; essas mulheres desempenharam um papel essencial no esforço de guerra na União Soviética, estando presente e resistindo contra a invasão alemã, lidando normas de gênero e ideologias políticas que desvalorizavam a face feminina da guerra.



As marcas dessas mulheres se fizeram na literatura e no cinema, proporcionando assim meios de reconstrução de sua narrativa, rompendo com o silenciamento e apagamento de sua história.

Mas por que é tão importante a atuação das mulheres soviéticas? historicamente as mulheres de forma geral, foram colocadas como secundárias em processos históricos e sua atuação nesses processos estava ou relacionada ao masculino ou direcionada ao privado, a casa, filhos, tomar conta do lar enquanto os homens iam para a guerra. Além disso, conflitos políticos como esse são rotineiramente contados a partir de um ponto de vista masculino de atuação e as mulheres resta apenas o papel de passividade.

Desse modo, muito se produziu sobre a atuação masculina nesses lugares, seus anseios, os problemas no front, suas aspirações políticas e seu desejo “patriótico” de ir a guerra e assim se fazer atuante na história, enquanto as mulheres faziam parte de uma guerra secundária e invisibilizada. No entanto, há o fato da participação das mulheres sim nesses períodos, principalmente entre os países aliados, e apesar de fazer um recrutamento enorme de mulheres, quem se destacou mais foi a União Soviética. Giovanna Bem Borges e Deborah Bem Borges ainda comentam: “A União Soviética foi o único país, dentre todos os que tiveram políticas de recrutamento feminino, a permitir oficialmente o alistamento de mulheres para posições combatentes” (2022, p.199).

Portanto, quando enfatiza-se uma temática tão importante, mostra não só essa visibilidade mascarada por uma história essencialmente masculina, como também trazemos as memórias que tem seu papel social e de humanização desse período e suas participantes. O livro *A guerra não tem rosto de mulher (2016)*, expõem através de depoimentos de mulheres que estiveram presentes no front, o cotidiano e como se faz importante a memória feminina para entender e escrever uma História não contada da guerra, uma “guerra feminina” pouco explorada.

A memória feminina é tão importante e tem suas características únicas, escrevem uma História não contada, seus depoimentos carregam cargas de sensibilidade, dor, e sentimento. Assim expõe Svetlana Aleksievitch:

A memória feminina sobre a guerra, em termos de concentração de sentimentos e de dor, é a que tem mais “tempo de exposição”. Eu até diria que a guerra “feminina é mais terrível que a “masculina”. Os homens se escondem



atrás da história, do fatos, a guerra os encanta como ação e oposição de ideias, diferentes interesses, mas as mulheres são envolvidas pelos sentimentos. (Aleksiévitch, 2016, p.20)

O livro *O perigo de uma História única* (2009) da escritora Chimamanda Ngozi nos instiga a questionar Histórias únicas sobre culturas e sujeitos. Chimamanda narra sua experiência enquanto criança e jovem africana aborda como somos bombardeados de histórias únicas, cheias de preconceitos e representações pejorativas de culturas e pessoas, fazem-nos vendados diante de nossa ancestralidade e representatividade. Desse modo, ao longo da História, o corpo feminino se encontrou longe das histórias oficiais que escreveram sobre a guerra. Grandes homens, grandes atiradores, grandes defensores da pátria esses e outros termos estavam atrelados aos homens que se dedicaram a esse período, mas enquanto as mulheres?

Chimamanda Ngozi coloca que: “Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa” (2009, p.03). A partir disso, compreendemos como a figura masculina desde cedo na história foi contemplada como figura munida de poder, sempre presente nos espaços públicos, no meio político como atuante de uma sociedade e a mulher ao espaço privado, de atenção secundária.

A história feminina na guerra é muito contada a partir de seus testemunhos, tornando um campo permeado por silêncios e relativamente novo por não não estarem acostumadas a serem ouvidas. Assim, os homens se percebem como indivíduos permeados pelo poder de contar a guerra, acontecimento que o tem como principal contador. Svetlana Aleksiévitch aponta sobre esse lugar masculino:

Fui procurar uma mulher na fábrica de tratores de Minsk ela tinha sido franco atiradora. E famosa. Apareceu mais de uma vez em manchetes de jornal. As amigas dela me deram o número do telefone de sua casa em Moscou, mas era antigo. Sobrenome também, eu só tinha o de solteira. Fui à fábrica onde, como eu sabia, ela trabalhava, e no departamento pessoal escutei dos homens (do diretor da fábrica e do chefe do departamento): “Por acaso falta homem para isso? Para que você quer essas histórias de mulher? Fantasias de mulher...”. Os homens tinham medo que elas não contassem direito a guerra (Aleksiévitch, 2016, p.21).

Logo, na História dita oficial, as mulheres têm seus discursos negligenciados, ora por uma historiografia masculina como já vem sendo argumentado, ora pelo silenciamento de



suas memórias e testemunhos. Isso mostra cada vez mais a singularidade da memória e o movimento de lembrança dessas mulheres. Portanto, o conceito de Memória e seu valor enquanto fonte que pode nos levar para conhecer o regimento. A memória antes de pensar o seu valor histórico é importante pensar seu papel social, o qual assumiu diversas formas de expressão, de utilização e significados para as sociedades. Le Goff destaca: “Além disso, é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (2003, p.476).

A memória e a Historiografia se relacionam e cada uma tem sua forma de atuação e de diálogo com a outra, a Historiografia é um dos inúmeros lugares de memória, mas não se limita apenas a esse lugar, a mesma pertence a um lugar bem mais amplo do que simplesmente portadora de memórias. Barros frisa: “A Historiografia moderna vale-se da memória coletiva e das memórias individuais como um de seus recursos disponíveis para a produção do conhecimento historiográfico” (2009, p.38). Ademais, por mais que tenham uma relação de diálogo e interajam entre si, as duas não se confundem.

Para o sociólogo francês Maurice Halbwachs em seu livro *A memória coletiva* (1968), coloca que a memória individual não é apenas um processo individual, mas também um movimento de influência da memória coletiva. Assim, sofrendo intervenções de grupos e refletindo a temporalidade no qual o indivíduo está inserido. Os indivíduos possuem a capacidade de acessar os modos de pensamento, representações de grupos os quais estavam inseridos. A lembrança se torna uma construção de um processo social, coletivo e afetivo. Halbwachs aponta essa influência entre a memória coletiva e individual e como uma pode ter fragmentos da outra. Halbwachs aponta:

A memória coletiva, por outro, envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (Halbwachs, 1968, p.54)

Maurice (1968), ainda coloca que a memória individual nunca está inteiramente isolada e fechada. Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente



necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Assim destaca: “Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade” (1968, p.54).

É imprescindível, sobretudo, na abordagem das memórias do regimento debruçar-se sobre o que Michael Pollak em *Memória, Esquecimento, Silêncio* (1989), discorre sobre o “não-dito” e como existem os silêncios e zonas de sombras nas memórias permeadas por uma angústia de não encontrar uma escuta ou medo de ser punido por mal-entendido daquilo que foi dito. Michael Pollak expõe sobre a fronteira entre o dizível e o indizível:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou estado desejam passar e impor (Pollak, 1989, p.8).

Pollak (1989), ainda aborda o caráter uniformizador, destruidor e opressor da memória coletiva nacional, o mesmo ainda coloca que não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisa, mas de analisar como os fatos sociais se tornaram coisas e que essa abordagem vai se interessar pelos atores e processos que fazem parte da formalização das memórias. Pollak destaca:

Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no caso a memória nacional (Pollak, 1989, p.4).

Desse modo, quando pensamos a História do regimento 588, trazemos aquilo que Halbwachs e Pollak pensaram enquanto memória e enquanto o “não dito”, porque temos o movimento de entrecruzamento entre a memória coletiva e a memória individual ao longo dos depoimentos presentes no livro *As bruxas da noite a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial*, escrito pela jornalista e escritora Ritanna Armeni, no qual, entrevista Irina Rakobolskaya de 96 anos, ao decorrer da leitura e seus depoimentos emocionantes, Irina lembra de seu grupo num movimento de entrecruzamento de suas memórias com as das colegas que estavam nesse percurso. Ritanna Armeni escreve:



Enquanto vê as fotos, Irina fala de sentimentos positivos conta anedotas divertidas, e sua narração também tem o toque do bom humor e do otimismo. No entanto... no entanto, há algo que não coincide de maneira exata entre suas palavras e as imagens do grande fotógrafo. O tom desprovido de retórica, preciso, quase professoral, muitas vezes irônico da velha bruxa não oculta nenhuma das verdades que as fotos, ao contrário omitem: para as recrutas do regimento 588, o início não foi exaltante e heroico. Claro, elas eram jovens, exuberantes, quase sempre alegres e sorridentes; queriam ser fortes e corajosas, defender a pátria e tornar-se, em tudo e por tudo, iguais aos homens. Não foi fácil; muitas vezes foi triste, duro, doloroso e até humilhante (Armeni, 2019, p.123).

Assim, se faz visível o papel de uma mensagem de heroísmo e nacionalidade, é importante a forma como a mesma frisa o apagamento dos enlaces reais de uma guerra enfrentada pelo feminino de como as mulheres eram retratadas de maneira quase irreal, uma exuberância de nacionalidade, dever, ação e luta constante por um intuito quase que natural. Portanto, através das memórias da comandante pode-se ver esse “não dito”, de maneira que a mesma reconhece os artifícios que estão por trás das fotografias, e dos discursos que a sociedade soviética tinha interesse em manter sobre as combatentes.

### **Regimento 588: escrito e documentado**

No livro *As bruxas da noite a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial*, da jornalista e escritora Ritanna Armeni, no qual, entrevista Irina Rakobolskaya, nos mostra como foi a realidade no front e de que maneira lidam com a memória. Irina Rakobolskaya se depara com a seguinte situação durante os depoimentos:

Ao chegarmos à linha de frente, vimos o Exército Vermelho em fuga... Estavam fugindo. Quando Irina começa a contar sobre o verão de 1942, seu relato é brutal. Vladimir Aleksandrovitch, funcionário do Ministério da Defesa que nos apresentou à bruxa e que de vez em quando assiste aos nossos encontros, tem um sobressalto que nos causa espanto. Em geral, ele se comporta com Irina como um devoto faria com seu santo protetor. Ouve os relatos com um misto de adoração e gratidão, quase com deferência, sempre como se fosse a primeira vez. Nesse dia, por ocasião da festa das Forças Armadas, levou-lhe um belíssimo maço de tulipas brancas. O respeito quase idólatra do funcionário ministerial não é de surpreender: a velha senhora de óculos espessos e gorro engraçado que está sentada à nossa frente é um ícone, um dos poucos símbolos ainda vivos da Grande Guerra Patriótica, fundamento no qual se baseia a identidade da Rússia de Vladimir Putin. As últimas palavras da bruxa sobre o front sul da Grande Guerra Patriótica devem mesmo tê-lo atingido, pois o devoto funcionário não consegue esconder sua



contrariedade e intervém. -Não estávamos em fuga, Irina Rakobolskaya. Talvez a senhora esteja querendo dizer que, naquele momento, decidimos nos retirar. Irina o examina com olhar interrogativo e severo, como se olha um estudante que tem a ousadia de interromper uma aula. Não, Vladimir Aleksandrovitch-responde - Quis dizer exatamente o que disse no verão de 1942, nós fugimos: diante do inimigo, nossos soldados escaparam. O afetuoso funcionário nos lança um olhar de quem busca cumplicidade, afinal, a heroína, a professora de física, e acadêmica de indiscutível prestígio, a Nachthexe tem 96 anos, pode apresentar alguma falha de memória, não usa os verbos com seu significado exato, é preciso ser compreensivo. Claro, em 1942, as tropas soviéticas se retiraram, deram espaço ao inimigo, mas no âmbito de uma estratégia militar que previa, sem demora, o ataque e a vitória. Em suma, retrocedia para avançar mais, recuava um passo para avançar dois. Com gentileza, ainda tenta corrigi-la: - Irina Vyatcheslavovna, talvez esteja querendo dizer que, naquele momento, recuamos. A bruxa fica impaciente buja, faz um gesto com a mão como para apagar palavras inúteis e supérfluas, depois diz des tacando cada sílaba- Não, Vladimir Aleksandrovitch, nós fugimos, fugimos mesma. Os alemães avançavam, estavam perto do monte El brus, estavam para alcançar nossas reservas petrolíferas, e não conseguimos detê-los. Foi isso que encontramos na linha de frente em 1942. A Vladimir Aleksandrovitch só restou calar-se. A bruxa mostrou as garras e, com poucas frases, silenciou-o. Contará a história como ela própria a viu e viveu, e em seu relato não respeitará nenhuma liturgia; não levará em consideração nenhuma revisão oficial (Armeni, 2019, p. 135-137).

Diante de um momento crítico, Irina e outras mulheres de Moscou se candidataram a irem à linha de frente, enfrentando as adversidades que as cercavam. Dentre essas circunstâncias, as aviadoras receberam o nome de “Bruxas Da Noite”, por saberem muito bem driblar os nazistas e agir com absoluta discrição durante os ataques, sempre durante a noite. Esse livro tem sua importância para constar a atuação de um grupo de mulheres soviéticas que tiveram atuação ativa no período de guerra, mas a História única escrita por homens fez seu papel de acobertamento dessa história.

Assim, o regimento 588 é prova de que as mulheres estiveram sim presentes na guerra, e tiveram seus corpos e mentes presentes, mas por muito tempo não reconhecidos. Desse modo o uso da fonte literária, nos permite usufruir de maiores artifícios para a construção da pesquisa, é necessário atentar-se sobre a dinâmica do texto com a História e suas peculiaridades de escrita, e personalidade do autor.

O uso do livro *As bruxas da noite a história não contada do regimento aéreo feminino russo durante a segunda guerra mundial*, da jornalista Ritanna Armeni, reconstrói a



história do grupo de mulheres soviéticas, as aviadoras do 588º Regimento de Bombardeio Aéreo Noturno Soviético. Com um importante papel de liderança durante as batalhas contra o Terceiro Reich, elas prejudicam e muito a vida dos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, aparecendo nos céus, carregadas de bombas.

Ademais, o documentário utilizado *Night Witches* (2013), produzido por Gunilla Bresky registra uma entrevista com Rufina Gasheva, Nadezhda Popova, Herói da Federação Russa Aleksandra Akimova, Irina Rakobolskaya, Irina Dryagina, Olga Yakovleva, Klavdiya Ryzhkova (Deryabina) e Raisa Mazdrina. Dessa forma, é interessante adentrarmos nos métodos para tentar compreender o cinema, tanto o ficcional quanto o documentário, e as ligações que ele possui com o meio que está inserido.

O documentário, munido de artifícios visuais e sonoros, retratam um pouco das cenas de guerra e dos bombardeiros desse período. É montado com trechos e os depoimentos dessas mulheres que colocam seus anseios, objetivos e satisfação, bem como suas renúncias ao irem para o front. Um trecho na primeira parte diz: “Eu era uma estudante, e eles irão nos transformar em químicas, físicas ou matemáticas, preciso deles. Agora temos que lutar para defender nosso país, nossa pátria, nós nascemos e crescemos nela” (Brensky, 2013).

Nesse sentido, é indispensável pensar a fonte cinematográfica como um objeto permeado por discursos, e se desprende da concepção errônea de estar longe do real, necessita de uma análise aprofundada, dando ênfase a dinâmica de aspectos subjetivos que esta sobrepostos no filme, indo além do que está sendo passado ou representado. O cinema tem cada vez mais constituído suas marcas na historiografia, sua linguagem própria e uma indústria também específica, ele também interfere na história contemporânea. Barros afirma:

A partir de uma fonte fílmica, e a partir da análise dos discursos e práticas cinematográficas relacionados aos diversos contextos contemporâneos, os historiadores podem apreender de uma nova perspectiva a própria história do século XX e da contemporaneidade. De igual maneira, como se verá oportunamente, os historiadores políticos e culturais podem examinar os diversos usos, recepções e apropriações dos discursos, práticas e obras cinematográficas (Barros, 2011, p.179).

A fonte fílmica, representa fala dos seu meio de produção e de sua recepção, hoje considerada umas das fontes primordiais para a historiografia, como forma de expressão



cultural, o cinema pode proporcionar representações de diferentes épocas e suas marcas nas imagens e reproduções de sistemas de pensamento, não apenas está determinada como expressão cultural mas também como forma de representação.

O cinema dialoga com a História e proporciona uma grande possibilidade de diálogo, discussão e interdisciplinaridade, a História se integra ao cinema e os dois fazem um processo de troca e reflexão de grande impacto. O cinema interfere na história, e com ela se entrelaça inevitavelmente. Dessa maneira, o historiador francês Marc Ferro, um dos responsáveis por trazer e incorporar o cinema ao fazer histórico, no livro *Cinema e História* (2010), esclarece que o cinema não deve ser observado apenas como arte, mas também como objeto permeado por significados. Assim coloca:

O filme, aqui, não está sendo considerado do ponto de vista semiológico. Também não se trata de estética ou de história do cinema. Ele está sendo observado não como obra de arte, mas sim como um produto, uma imagem-objeto, cujas significações não são somente cinematográficas. Ele não vale somente aquilo que testemunha, mas também pela abordagem sócio-histórica que autoriza. A análise não incide necessariamente sobre a obra em sua totalidade: ela pode se apoiar sobre extratos, pesquisar “séries”, compor conjuntos. E a crítica também não se limita ao filme, ela se integra ao mundo que o rodeia e com o qual se comunica, necessariamente (Ferro, 2010, p.87).

Sendo assim, pensar as fontes cinematográficas de forma interdisciplinar, e seu diálogo com a sociedade, a dinâmica de fontes torna-se o tratamento e ancoragem da pesquisa mais firme, possibilita ir além de representações sociais também adentrar nas dicotomias que estão presentes nos gestos da fonte e nos seus sistemas de discursos, sua ancoragem diante destes. Barros discute:

É este nível superficial de análise que precisa ser ultrapassado pelo estudioso do cinema como objeto de significação cultural e política, seja este estudioso um historiador ou um pesquisador da comunicação. Para superar limites deste tipo, a metodologia para análise fílmica deve ser, acima de tudo, multidisciplinar e pluridiscursiva (Barros, 2011, p.194).

É indubitável, que o cinema é importantíssimo não apenas como elemento do social, mas também porque tem sua ligação com a historiografia e sua forma de atuação nela, direta ou



indiretamente. Ele é sempre permeado de marcas, gestos e o historiador tem o papel de analisar e historicizar essas marcas.

O historiador (a), ao utilizar a Literatura enquanto fonte, deve também observar como o autor do texto literário alia as regras de escritas, o estético e como é descrita a realidade social que se propõe escrever, dando atenção a sua intencionalidade no texto e marcas desse autor. Martins e Cainelli apontam:

A coerência de sentido do texto literário pode ajudar a orientar o olhar do historiador para muitas outras fontes e contribuir para que ele enxergue o que ainda não viu, de forma que a literatura possui, então, o efeito de multiplicar as possibilidades de leitura (Martins, Cainelli, 2015, p.3).

Para utilizar a fonte literária deve-se tomar os mesmos cuidados que toma ao lidar com todas as categorias de fontes, sendo necessário que se volte para ela de maneira adequada, entendendo que um livro é expressão tanto de um autor quanto de sua época e também de seus leitores, já que não se pode imaginar a Literatura sem levar em conta sua recepção. Desse modo, é necessário criar estratégias de diálogo entre as fontes, ou seja, os textos e o mundo ao qual está inserido. Tânia Regina e Carla Bassanezi ressaltam:

Isso leva aos modos de interação entre as várias dimensões culturais numa determinada sociedade (oral, letrada, popular, erudita, religiosa, científica, política, jurídica, ou de gênero, caso se queira), problema que tem sido abordado com muita pertinência pela historiografia contemporânea (Luca; Pinsky, 2009, p.82).

Logo, a literatura precisa estar inserida além do seu gênero literário, mas também no contexto ao qual ela remete, sua linguagem e o público a quem se destina, retrata ou será recepcionada, é preciso ainda estar atento a problemática a qual o historiador se debruça em seu trabalho. Luca e Pinsky colocam: “Mas a formulação do problema não nasce no vazio, ao contrário, emerge no horizonte cultural e intelectual em que vive o próprio pesquisador, o que também deve ser objeto de reflexão” (2009, p.81).

## **Considerações finais**



É interessante pensar essas mulheres e analisar sua atuação porque vai de encontro com a historiografia já produzida, de forma que algumas produções não problematizam de forma crítica muitos lugares e situações que essas mulheres enfrentaram, também não frisa o período histórico e os mecanismos históricos e de poder que estavam por trás da ideologia Soviética.

Outro aspecto importante que vai permear a pesquisa é o estudo do conceito Gênero e a temporalidade que será abordada, como esse conceito pode ser percebido no espaço de amplas relações, e de que forma ele pode se transformar, se adaptar ou decorrer das relações desses indivíduos, tomados por questões de poder, por interesses ou também por estratégia de guerra.

O gênero pode ser percebido não apenas como relações entre homens e mulheres, pode ser entendido como mecanismos os quais esses indivíduos fazem usos para se colocarem diante de espaços, pessoas, e reforçar suas identidades. Será entendido, portanto, como conceito fluido, que pode ser atravessado pela temporalidade e pelos interesses que estão emergentes para os indivíduos no momento, sobretudo, interesses políticos. Assim frisa Scott: “O gênero é uma das referências recorrentes pelas quais o poder público tem sido concebido, legitimado e criticado” (1995, p.92).

## Referências

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma única história. Tradução de Eri a Barbosa. Original disponível em: [http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story.html](http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html). s/d. Tradução disponível em: <http://www.google.pt/url>, 2009.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. **A guerra não tem rosto de mulher**. Editora Companhia das Letras, 2016.

ARMENI, Ritanna. **As bruxas da noite**: a história não contada do Regimento Aéreo Feminino Russo Durante a Segunda Guerra Mundial. 1ª edição. São Paulo: Seoman, 2019.

BARROS, José D.'Assunção. **Cinema e história-considerações sobre os usos historiográficos das fontes fílmicas**. Comunicação & Sociedade, v. 32, n. 55, p. 175-202, 2011.



BARROS, José D.'Assunção. História e memória—uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Mouseion**, v. 3, n. 5, p. 35-67, 2009.

BORGES, Giovanna Bem; BORGES, Deborah Bem. A outra face da guerra: a militarização das mulheres soviéticas na Segunda Guerra Mundial. *Revista Hydra: Revista Discente de História da UNIFESP*, v. 6, n. 11, p. 197-232, 2022.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Paz e Terra, 2010.

HALBWACHS, Maurice. La memoria colectiva y el tiempo. In: **El conocimiento de la memoria colectiva**. México: UAT, 1950. p. 103-137.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

LE GOFF, Jacques et al. História e memória. 2003.

LUCA, Tânia Regina; PINSKY, Carla Bassanezi. O historiador e suas fontes. **São Paulo: Contexto**, 2009.

MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre literatura e história. In: **Anais do VII Congresso Internacional de História, XXXV Encuentro de Geohistoria Regional e XX Semana de História**. 2015. p. 3889-3901.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista estudos históricos**, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. *Educação & realidade*, v. 20, n. 2, 1995.

## Vídeo

Night Witches. Gunilla Bresky. CaptainWillard1979.YouTube, 27 de Fev. de 2013. Disponível em: [Night Witches — Film by Gunilla Bresky part 01](#).

---

## “SERTÃO SANGRENTO”: ANÁLISE DAS RELAÇÕES ESTABELECIDAS ENTRE MASCULINIDADE, SERTÃO E VIOLÊNCIA NO LIVRO SANGUE, TERRA E PÓ (1983), DE JOSÉ DE ABRANTES GADELHA

Karine Nogueira dos Santos  
Graduanda em História - Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG)